

Exames Nacionais



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



GABINETE
DE AVALIAÇÃO
EDUCACIONAL

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março

CPEN-P12 © Porto Editora

Prova Escrita de Português

12.º Ano de Escolaridade

Prova 639 / 1.ª Fase

Versão 1

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2012

Na folha de respostas, indique, de forma legível, a versão da prova (Versão 1 ou Versão 2). A ausência dessa indicação implica a classificação com zero pontos das respostas aos itens de 1.1. a 1.7. do Grupo II.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Em caso de engano, deve riscar de forma inequívoca aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Escreva de forma legível a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas. Se escrever alguma resposta integralmente em maiúsculas, a classificação da prova é sujeita a uma desvalorização de cinco pontos.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990. Em alguns casos, devidamente assinalados, segue-se a ortografia adotada na edição referida.

Grupo I

A

Leia o texto seguinte, constituído por cinco estâncias de *Os Lusíadas*, transcritas do Canto VI. Em caso de necessidade, consulte o glossário apresentado a seguir ao texto.

- Por meio destes hórridos¹ perigos,
 Destes trabalhos graves e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos
 As honras imortais e graus maiores;
 5 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Moscóvia² zibelinos³;
- Não cos manjares novos e esquisitos,
 10 Não cos passeios moles e ouciosos,
 Não cos vários deleites⁴ e infinitos,
 Que afeminam os peitos generosos;
 Não cos nunca vencidos apetitos,
 Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
 15 Que não sofre a nenhum que o passo mude
 Pera algũa obra heróica de virtude;
- Mas com buscar, co seu forçoso braço,
 As honras que ele chame próprias suas;
 Vigiendo e vestindo o forjado aço,
 20 Sofrendo tempestades e ondas cruas,
 Vencendo os torpes⁵ frios no regaço
 Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
 Engolindo o corrupto⁶ mantimento
 Temperado com árduo sofrimento;
- 25 E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, led⁷, inteiro,
 Pera o pelouro⁸ ardente que assovia
 E leva a perna ou braço ao companheiro.
 Destarte⁹ o peito um calo honroso cria,
 30 Desprezador das honras e dinheiro,
 Das honras e dinheiro que a ventura¹⁰
 Forjou, e não virtude justa e dura.
- Destarte⁹ se esclarece o entendimento,
 Que experiências fazem repousado,
 35 E fica vendo, como de alto assento,
 O baxo trato humano embaraçado.
 Este, onde tiver força o regimento
 Direito e não de afeitos¹¹ ocupado,
 Subirá (como deve) a ilustre mando,
 40 Contra vontade sua, e não rogando.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, Lisboa, MNE/IC, 2003
 (Segue-se a ortografia adotada na edição referida.)

Glossário: 1. *hórridos*: horríveis; 2. *Moscóvia*: região norte da Rússia; 3. *animais [...] zibelinos*: peles caras de animais de regiões frias; 4. *deleites*: prazeres suaves; 5. *torpes*: que entorpecem, que enfraquecem; 6. *corrupto*: deteriorado, apodrecido; 7. *ledo*: alegre; 8. *pelouro*: bala de metal para arma de fogo; 9. *destarte*: deste modo, assim; 10. *ventura*: sorte; 11. *afeitos*: afetos.

Apresente, de forma clara e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Nos versos de 17 a 28, referem-se qualidades que permitem aos “*que são de fama amigos*” (v. 3) atingirem as “*honras imortais e graus maiores*” (v. 4).
Indique quatro dessas qualidades, fundamentando a resposta com citações textuais pertinentes.
2. Explícite a intenção crítica manifestada pelo poeta nos versos de 5 a 16, relacionando-a com o uso da anáfora.
3. Sintetize a opinião defendida pelo poeta nos versos de 29 a 32.
4. Explique de que modo a última estrofe transcrita ilustra a mitificação do herói em *Os Lusíadas*.

CPEN-P12 © Porto Editora

B

[...] já que não podemos falar-lhes das vidas, por tantas serem, ao menos deixemos os nomes escritos, é essa a nossa obrigação, só para isso escrevemos, torná-los imortais, pois aí ficam, se de nós depende, Alcino, Brás, Cristóvão, Daniel, Egas, Firmino, Geraldo, Horácio, Isidro, Juvino, Luís, Marcolino, Nicanor, Onofre, Paulo, Quitério, Rufino, Sebastião, Tadeu, Ubaldo, Valério, Xavier, Zacarias, uma letra de cada um para ficarem todos representados [...].

José Saramago, *Memorial do Convento*, 27.ª ed., Lisboa, Caminho, 1998

Os trabalhadores da construção do Convento assumem o estatuto de heróis no romance *Memorial do Convento*.

Explique, fazendo apelo à sua experiência de leitura da obra, o modo como esses trabalhadores conquistaram este estatuto, fundamentando a sua exposição em dois exemplos significativos.

Escreva um texto de oitenta a cento e trinta palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2012/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

Grupo II

Leia o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulte o glossário apresentado a seguir ao texto.

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, como é abreviadamente conhecida, é um daqueles textos deslumbrantes que surpreende pela capacidade de interpelar o leitor. Não é por acaso que a sua leitura crítica tem sido controversa, às vezes desabrida¹, ora admoestando o autor pelas suas fantasias e mentiras, ora vindo em sua defesa com provas provadas de que aquilo que nos conta foi realmente visto e vivido, pese embora o excesso de aventuras.

Antes da sua publicação, em 1614, já a obra provocava a atenção do público, quer dos que conheceram a versão manuscrita, quer daqueles que discutiam a sua veracidade mesmo sem terem empreendido a sua leitura. Ainda Fernão Mendes se dedicava à escrita na sua casa, no sítio do Pragal, em Almada, já era voz corrente a fantasia do relato, contrariada por muitos partidários da sua veracidade como Herrera Maldonado, o ilustre autor da versão em castelhano, cuja 1.ª edição de 1620 incluía uma Apologia em defesa de Fernão Mendes Pinto.

Na sequência da versão de Herrera Maldonado, a obra conhece um enorme sucesso, que se manterá ao longo do século XVII, sendo traduzida nas principais línguas europeias, o que mostra o apreço do público por

esta narrativa que era lida como romance de aventuras ao gosto da época, em vez do relato autobiográfico que o autor propõe.

- 15 Também em Portugal se levantam poderosas vozes contra a veracidade do relato, sendo exemplar o comentário do seu antigo companheiro jesuíta, João Rodrigues, que na *História da Igreja do Japão*, escrita em Macau por volta de 1630, comenta a propósito da chegada dos primeiros portugueses ao Japão: “Fernão Mendes Pinto, no seu Livro dos Fingimentos, se quer fazer um destes três [portugueses] e que se achou ali neste Junco, mas é falso, como o são muitas outras coisas do seu Livro, que parece compôs mais para recriação que para dizer verdades; porque (não há) Reino, nem acontecimento em que não finja achar-se.”

20 A postulação² da obra de Fernão Mendes como um “livro de fingimentos” parece dar exclusivo crédito à aceção da mentira, mas o comentário de João Rodrigues sublinha também o entendimento de que se tratava de um texto ficcional, quer dizer, uma recriação da experiência, que usa a memória – com tudo o que ela possui de ilusão – para recuperar acontecimentos que ocorreram muitos anos antes.

- 25 A obra apresenta-se, assim, como singular no conjunto dos relatos de viagem que, ao tempo, contavam as aventuras da expansão e foram designados, de forma genérica e imperfeita, como Literatura de Viagens dos Descobrimentos, categoria que reúne um conjunto heterogéneo de textos que muito diferem da *Peregrinação*. Enquanto a grande maioria desses relatos tem como razão da escrita o desvendamento dos novos mundos e gentes e as dificuldades e incertezas da navegação, o relato de Fernão Mendes apresenta-se como uma auto-
30 biografia onde a verdade se enovela por entre os meandros de uma consciência.

Ana Paula Laborinho, “O Livro dos Fingimentos”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 29 de dezembro de 2010 a 11 de janeiro de 2011 (adaptado)

Glossário: 1. *desabrida*: inconveniente, desagradável, grosseira; 2. *postulação*: defesa.

1. Para responder a cada um dos itens de 1.1. a 1.7., selecione a única opção que permite obter uma afirmação correta.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção escolhida.

- 1.1. As leituras críticas da obra *Peregrinação* coincidem no que diz respeito

- (A) à valorização dos acontecimentos históricos evocados ao longo do texto.
- (B) ao entendimento de que todos os acontecimentos relatados são verídicos.
- (C) ao reconhecimento do carácter aventureiro dos acontecimentos narrados.
- (D) à repreensão de que o autor é alvo por apresentar acontecimentos falsos.

- 1.2. O comentário de João Rodrigues citado no texto (ll. 17 a 20)

- (A) confirma o interesse do público pela obra.
- (B) ilustra a controvérsia existente em torno da obra.
- (C) acentua a natureza autobiográfica da obra.
- (D) constitui uma prova da verosimilhança da obra.

- 1.3. Segundo Ana Paula Laborinho, a singularidade de *Peregrinação* reside, entre outros, no facto de

- (A) se privilegiar um universo fantasioso.
- (B) permitir a descoberta de novos mundos.
- (C) mostrar as dificuldades das descobertas.
- (D) se tratar de uma autobiografia ficcionada.

- 1.4. A expressão “às vezes *desabrida*” (l. 3)

- (A) especifica uma manifestação particular da controvérsia em torno de *Peregrinação*.
- (B) comprova as fantasias e as mentiras presentes em *Peregrinação*.
- (C) enfatiza a qualidade científica do conjunto das leituras críticas de *Peregrinação*.
- (D) desvaloriza a existência de diferentes leituras de *Peregrinação*.

1.5. Com o uso do travessão duplo (ll. 23-24), a autora

- (A) introduz uma conclusão.
- (B) introduz uma citação.
- (C) destaca uma explicação.
- (D) destaca uma oposição.

1.6. A forma verbal “*tem sido*” (l. 2) exprime um valor aspetual

- (A) durativo.
- (B) perfetivo.
- (C) genérico.
- (D) pontual.

1.7. A utilização da conjunção “*mas*” (l. 19) contribui para a coesão

- (A) lexical.
- (B) interfrásica.
- (C) frásica.
- (D) temporal.

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1. Classifique a oração iniciada por “*que*” em “*Não é por acaso que a sua leitura crítica tem sido controversa, às vezes desabrida [...].*” (ll. 2-3).

2.2. Identifique a função sintática desempenhada pela expressão “*voz corrente*” (l. 8).

2.3. Indique o antecedente da palavra sublinhada em “*cuj*a 1.^a edição” (l. 10).

Grupo III

Hoje em dia, os meios de comunicação de massas e as redes sociais oferecem uma resposta cada vez mais eficaz àqueles que procuram a popularidade.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, apresente uma reflexão sobre a procura da popularidade no mundo atual.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2012/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.